

Literatura, intercultural e formação docente – um *entre-lugar* a ser visitado

Valdo Barcelos*

Resumo

Neste ensaio trago para reflexão algumas questões referentes à literatura como um território de formação docente. A literatura não apenas como técnica, mas um território de produção de conhecimento (BARCELOS, 2001). A leitura como um *entre-lugar* (BHABHA, 2003) de trocas interculturais. Como se estabelecem as relações entre a literatura e a educação em geral e, em particular, com a formação docente? Como a literatura pode contribuir para a construção do conhecimento em educação em geral e, em particular, para a formação docente levando em conta a produção do ser professor? É para designar esse papel da leitura que nos referimos a ela como algo semelhante ao que Bhabha denomina de um *entre-lugar* de acontecimento(s). No caso do profissional da educação, seria um *entre-lugar* de formação docente. Defendemos nesse texto que essa trama que se cria entorno do leitor/texto/escritor/sociedade é um *entre-lugar* de formação docente. Um *entre-lugar*, talvez, por muitos e muitas ainda por ser visitado. Por outro lado, para aqueles que já visitam ou visitaram há que lembrar o que ensina o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz, para quem os livros são como cidades feitas de letras, e assim como mudam as cidades a cada visita, mudam, também, os livros a cada leitura.

Palavras-chave: Literatura e intercultural. *Entre-lugar*. Território de formação docente.

Literature, Interculture and teaching education – a *between-place* to be visited

Abstract

In this essay I bring to reflection some questions concerning the literature as a teaching education territory. The literature saw not just as a technique, but also as a territory of production of knowledge (BARCELOS, 2001). The literature saw as a *between-place* (BHABHA, 2003) of symbolical and intercultural exchanges. How the relations between the literature and the education in general, and in private, as teaching education are established? How can the literature contribute to the construction of the knowledge in education in general and, in private, to the teaching education taking in account the production of the professor being? It is to designate this role of the literature that we refer to it as something similar

* Professor Doutor da Universidade Federal de Santa Maria/PPGE-Núcleo. **KITANDA:** Educação e Intercultural-Pesquisador do Núcleo **MOVER:** *Educação Intercultural e Movimentos Sociais-UFSC.*

Valdo Barcelos

to what Bhabha denominates of a *between-place* of happening(s). In the case of the education professional, it would be a *between-place* of teaching education. We defend in this text that this plot that is created around the reader/text/office/society is more a *between-place* of teaching education. And this *between-place* may need to be visited by plenty. In other way, to those that already visited or are visiting it, it is necessary to recall what the Mexican poet and essayist Octavio Paz teaches, to whom, the books are as cities made of letters, and, as well as the cities are changed by every visit, so are the books changed by every reading.

Keywords: Literature and Interculture. Between-place. Teaching Education Territory.

Um convite à leitura

Neste ensaio trato, especificamente, sobre a arte da literatura, porém, como algo que faz parte de uma aventura mais ampla que qualquer domínio artístico e educativo: a arte de viver. Uma aventura que muito bem se assemelha ao que Bela Jozef (2006) denomina uma *mediação intercultural* no campo do imaginário e que se dá através da linguagem verbal proporcionada pela literatura. É sabido que a literatura permite a expansão de fronteiras já conhecidas. E mesmo quando realizada individualmente, é capaz de aproximar as pessoas, uma vez que é considerada uma atividade social. Ao lermos, socializamos experiências, discutimos preferências, checamos conclusões. Podemos perceber que a leitura proporciona, também, o desenvolvimento da sensibilidade, além da já reconhecida participação na produção do conhecimento. Barcelos (2001) defende que a leitura e a escrita – que denomina de *escritura* – podem ser tomadas como um território de produção de conhecimento. Ou seja, o autor defende que a leitura tem um papel para além daquele tradicionalmente a ela atribuído, qual seja, o de ser um meio, um artifício, um recurso, enfim, um instrumento para se chegar àquilo que se quer “ensinar” aos educandos(as). Já para o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz, a leitura seria como uma espécie de viagem que se faz com o corpo quieto e a alma agitada.

Esta comparação entre o ato de ler e o de viajar é muito bem apresentada, também, pelo escritor moçambicano Mia Couto, quando este afirma que a viagem por um livro faz com que percorramos distâncias e atravessemos nossas fronteiras interiores. Porém, curiosamente, para ele, a viagem proporcionada pela leitura acontece verdadeiramente quando acordamos e nos percebemos fora de nosso próprio corpo. Algo como se estivéssemos “morando” no último e derradeiro território onde podemos construir nossa morada (COUTO, 2006). As relações que podem se estabelecer no momento da leitura e da escrita são temas para muitos e para inesgotáveis conversas. Mas o que ler? Quando ler? Para que ler? O que tem que ver leitura e educação? Leitura e vida? Leitura e felicidade? Leitura e formação docente? Para o poeta e ensaísta argentino Jorge

Literatura, intercultural e formação docente – um *entre-lugar* a ser visitado

Luis Borges feliz mesmo é o leitor, pois pode escolher o que lê. Já o escritor raramente é feliz, pois nem sempre escreve o que quer escrever, mas sim o que consegue.

Quero adiantar aos leitores(as) que no decorrer deste ensaio utilizarei as expressões *texto*, *literatura* e *escrita* sem necessariamente as definir, mas, seguirei o que sugeriu Barthes em uma aula inaugural na França (1977), quando escreveu o que entendia por literatura: “Não um corpo ou uma série de obras, nem mesmo um setor do comércio ou do ensino, mas o grafo complexo dos traços de uma prática: a prática de escrever. Posso, pois, dizer indiferentemente: literatura, escrita, escritura ou texto” (BARTHES, 1977, p. 16). Portanto, me interessa o tecido resultante dos significados que o texto pode conter. É nesta perspectiva que me apoiarei na tese de Barthes de que “A Literatura assume muitos saberes”(p.18).

Com esta breve introdução quero deixar um convite à leitura deste texto como se ele fosse aquela “cidade feitas de letras” de que nos fala o poeta Octavio Paz, para quem os textos são como cidades feitas de letras. Assim como mudam as cidades a cada viagem, mudam, também, os textos a cada leitura. Desejo aos leitores(as) uma boa leitura/viagem.

O desembarque?

Pode ser feito a qualquer hora e em qualquer estação...ou página. É você leitor(a) quem decidirá!

Literatura, sociedade e formação docente

Literatura e sociedade

Em um texto exemplar intitulado *Filosofia e literatura* (1967), do livro *Assunto encerrado – discursos sobre literatura e sociedade* (2009), o escritor italiano Ítalo Calvino dá uma breve, mas profunda, demonstração do embate que sempre se travou entre literatura e sociedade, ou, poder-se-ia dizer entre ficção e realidade. Calvino abre esse texto com a seguinte provocação:

A relação entre filosofia e literatura é uma luta. O olhar dos filósofos atravessa a opacidade do mundo, apaga sua espessura carnosa, reduz a variedade do que existe a uma teia de relações entre conceitos gerais, estabelece as regras pelas quais um número finito de peças movimentando-se sobre um tabuleiro esgota um número talvez infinito de combinações. Chegam os escritores, e as abstratas peças de xadrez – reis, rainhas, cavalos e torres – são substituídas por um nome, uma forma determinada, um conjunto de atributos reais ou eqüinos; no lugar do tabuleiro, estendem campos de

batalha poeirentos ou mares borrascosos; eis que as regras do jogo saltam pelos ares, eis que uma ordem diferente daquela dos filósofos se deixa descobrir aos poucos. Isto é: quem descobre essas novas regras do jogo são, novamente, os filósofos, que voltaram para a desforra, para demonstrar que a operação que os escritores cumprem pode ser reduzida à deles, filósofos, e que as torres e os bispos determinados não passam de conceitos gerais disfarçados. Assim continua a disputa, cada uma das partes certas de ter dado um passo adiante na conquista da verdade ou, ao menos, de uma verdade, e ao mesmo tempo consciente de que a matéria-prima de ambas as construções é a mesma: palavras. (CALVINO, 2009, p. 180)

Mas como o autor se desvencilha deste aparente e insolúvel imbróglio, que ele mesmo criou? Com a mesma maestria com que cria o paradoxo, busca uma forma de lidar com ele. Pois, para Calvino, as palavras são como os cristais que se apresentam com múltiplas faces e com vários eixos de rotação, isto faz com que seus raios se propaguem e se refranjam de maneiras, às vezes, muito diferentes. A literatura, independente da definição que se possa dar a ela, bem como da função que queiramos lhe atribuir na sociedade, tem um papel que jamais pode ser negado: o de dialogar com a realidade. É neste diálogo que pode acontecer, segundo Rufino dos Santos (2008), talvez a maior contribuição da literatura para a arte e para a edificação humana, qual seja, nos fazer “enxergar melhor o real” (p.116). É apoiado neste tipo de proposição que, para o escritor Roland Barthes, “A literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real” (BARTHES, 1978, p.18). Este pensador vai mais longe, em sua reverência à importância da literatura para a formação humana – e esse é o ponto que nos interessa nesse texto – que chega a propor que se por algum excesso de autoritarismo ou de barbárie todas as disciplinas tivessem de ser eliminadas da sociedade, e apenas uma fosse permitido permanecer, ele optaria pela disciplina da literatura. Justifica sua opção, aparentemente desmedida, dizendo que a literatura é a única disciplina que pode abrigar todas as demais. Uma prova disso nos é dada por Rufino dos Santos (2008) quando sugere que para que se possa compreender aquilo que se lê, faz-se necessário o estudo de muitas disciplinas, mesmo aparentemente pertencentes a campos muito distantes da literatura. Contudo, esta capacidade da literatura de abrigar em seu repertório os ingredientes para todas as demais disciplinas não é algo que esteja facilmente à vista. Ao contrário, às vezes há que mergulhar profundamente nas suas águas calmas e sombrias para encontrar o que se procura. Em função desta dificuldade Barthes faz, em *Crítica e verdade*, um importante alerta: “A literatura representa o mundo como uma pergunta, nunca, definitivamente, como uma resposta” (BARTHES, 1999, p. 33).

Seguindo esta perspectiva de diálogo entre literatura e sociedade, o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz defende a necessidade de pensar-se uma sociedade que reconcilie o poema e ato. Uma sociedade que tome a palavra viva e vivida, num processo permanente de “Criação de uma comunidade criadora” (PAZ, 1994, p. 247). Para Paz, uma sociedade sem literatura careceria de linguagem, pois “Todos diriam a mesma coisa ou ninguém falaria de nada... uma literatura sem sociedade seria um poema sem autor, sem leitor e, a rigor, sem palavras” (p. 247). Sem palavras, nosso diálogo certamente se empobreceria em muito. Ao lançar o desafio de juntar literatura e ato, Paz está propondo um repensar de nossa postura no mundo. Diríamos que está chamando nossa atenção, no sentido de que não podemos descuidar dos sentidos de nossas ações. Não podemos descuidar de nossa capacidade de imaginação. Refere-se à necessidade de atenção para a imaginação, para o processo criativo. Uma imaginação construída simbolicamente em um tempo-espço em permanente relação com o mundo da vida cotidiana, onde, para ele, “A imaginação não está nos homens e mulheres, mas sim, é um espírito de um lugar e de um tempo; não é somente a potência através da qual vemos a realidade visível ou mesmo oculta: também é o meio pelo qual a natureza, através da mirada do poeta mira-se a si mesma” (PAZ, 1994, p. 286).

Fazendo uma analogia ao que afirmam os autores referenciados, é que neste texto proponho uma reflexão sobre as contribuições da literatura para a formação humana em geral e para a formação docente em particular. Da mesma forma, espero mais que dar respostas, mas sim propor algumas reflexões que possam nos levar a novas perguntas, mesmo que sejam feitas sobre problemas antigos. Arrisco-me a dizer que, em educação, grande parte de nossos ditos problemas e desafios vêm de longa data. Não desprezo, contudo, a necessidade de formularmos novas perguntas. Isso quando estivermos, realmente, diante de problemas novos. Algo na perspectiva defendida pelo filósofo francês Alain Touraine (2003) quando ele afirma que perante problemas novos há que buscar soluções novas ou... perguntas novas.

Literatura e formação docente

É acreditando em novas perguntas que poderemos construir, também, algumas respostas para os desafios educacionais que se nos apresentam no cotidiano da ação docente. Um cotidiano que está passando por algo como um “mal-estar fecundo” a que se refere Miguel Arroyo em seu livro *Imagens quebradas* (2004). Esse cenário, que vivemos na escola, está a demonstrar, a denunciar, a falência de certo modelo de ensino e de instituição escolar. Modelo denominado por Arroyo (2004) de *Imagens quebradas*. Nele, tanto educadores(as) como educando(as) eram representados por metáforas que não mais dão conta de dizer dos(as) educandos(as) nem dos educadores(as) de hoje. Eram educandos(as) vistos como “plantinhas, massinhas, fios maleáveis... e ao longo da história da pedagogia múltiplas metáforas tentaram dar conta do ofício de ensinar e de educar: parteiras, jardineiras, artífices, bordadeiras...” (ARROYO,

Valdo Barcelos

2004, p. 10). Se antes já não era tão fácil colar estas representações com as reais identidades de educadores(as) e de educandos(as), imagine-se nos tempos atuais em que as representações de educandos(as) e de educadores(as) passam por aceleradas e radicais transformações culturais.

Se os mesmos livros produzem diferentes leituras, como entender o processo de produção e não descoberta do conhecimento? Como a subjetividade de leitura é produzida/construída? O professor não é um artista, na busca incansável de modos para o aluno – que pode ser ele próprio – aprender? Ou é apenas um copiador, que reproduz conhecimentos já produzidos? Como tornar a arte presente na sala de aula? Como fazer da arte não apenas uma ferramenta ou um meio, mas sim, um lugar, um território de relações interculturais (FLEURI, 2003; 1998) e de produção de conhecimento?

Nessa perspectiva, recorro ao criador do Teatro do Oprimido Augusto Boal, que junto com Paulo Freire é um dos educadores brasileiros mais conhecidos e respeitados no mundo inteiro. Boal (2006, contra-capá) diz que:

Todo mundo atua, age, interpreta. Somos todos atores. Até mesmo os atores! Teatro é algo que existe dentro de cada ser humano, e pode ser praticado na solidão de um elevador, no Maracanã ou em praça pública para milhares de espectadores. Em qualquer lugar... até mesmo dentro dos teatros.

É neste sentido que se pode dizer que todos nós, enquanto professores, também criamos, ou podemos criar.

Acredito que, assim como somos capazes de aprender a ler, podemos aprender a gostar de ler. Não nascemos apreciadores de música erudita, mas somos capazes de aprimorar, modificar nossos gostos em função de determinadas vivências. Em uma determinada fase da vida, podemos não gostar de ler, ou assistir filmes, por exemplo. Mas a partir da leitura de um livro, ou de um autor, de um filme, ou de uma música que mexa com nossos sentimentos, podemos aprender a gostar. Ou começar a despertar nosso gosto.

Enquanto profissionais da educação, podemos recorrer (ou percorrer, literalmente) a outras áreas, a outras “prateleiras” que não, exclusivamente, as da educação. Penso que a fragmentação dos conhecimentos no processo educativo, bem como uma histórica desconsideração pelos saberes¹ dos educandos(as) fez com que buscássemos apenas conhecimentos ditos específicos, que fragmentaram o ser humano, o qual deixou de ser visto como um ser resultante do entrelaçamento permanente entre cultura e biologia que formam o *fluir de seu viver* (MATURANA, 1998; 2002). Um vir a ser que, como alertava Freire (1997), nos faz um ser inacabado. Talvez se deva a isso o sucesso dos livros de autobiografia ou as revistas que mostram “as caras e as vidas das pessoas”. Escrever é dizer de si. Recorrendo novamente ao criador do Teatro do

Oprimido Augusto Boal, é desafiadora a sua afirmação de que “Todo texto escrito é autobiográfico e se não for é plágio” (BOAL, 2006, contra-capas).

Algo que chama muito a atenção é o fato de inúmeras vezes, durante as aulas, quando o professor sugere uma obra literária para leitura, os alunos queiram que o professor diga o que é para ser pensado através do texto. Acredito que estamos acostumados a ler um livro para determinado fim. Porém, penso que a leitura não é um meio, não apenas uma técnica, mas um território de produção de conhecimento (BARCELOS, 2001). A leitura é como um *entre-lugar* (BHABHA, 2003) de trocas interculturais.

Acredito que é fundamental que relacionemos leitura e educação. A leitura a que me refero é a leitura como “território” de produção de conhecimento. Não a técnica da leitura em si. Não a leitura instrumental apenas. Mas uma leitura que se relaciona com a subjetividade. A leitura como atividade humana. Uma leitura realizada num espaço/tempo, capaz de produzir conhecimentos. É para designar esse papel da leitura que me refiro a ela como algo semelhante ao que Bhabha denomina de um *entre-lugar* de acontecimento(s). No caso do profissional da educação, seria um *entre-lugar* de formação docente. Mais especificamente, podemos falar da leitura do texto literário. Aquele texto que proporciona um contato mais livre e prazeroso com os livros de literatura. Que desperta o gosto de ler, e, conseqüentemente, de escrever. Em seus achados, Barcelos (2001) nos mostra que a literatura é produtora de cultura, medida que, assim como outras formas de manifestação artística, ela – a literatura – pode sim se constituir em mais um território de acontecimento da aprendizagem. Pode ser uma escola não formal da e pela vida, à medida que possibilita aos homens e às mulheres um pouco mais de conhecimento sobre si mesmos e sobre sua história, sua cultura.

A literatura nos faz diferentes. Faz com que possamos perceber o mundo e o que nele está incluído de forma mais crítica e criativa. A leitura, nesse sentido, abre espaços de interrogação, pois nos permite (re)visitar nosso mundo interior ou mundos interiores. Descobre novo(s) mundo(s). Além disso, a literatura não apenas ilustra, decora, ornamenta. Ela constitui, inventa, possibilita a criação de sensibilidades. O texto literário é como algo que não apenas informa sobre a realidade, mas que, segundo Rufino dos Santos (2008, p.116), “Cria uma realidade extra, uma prótese do real que nos serve para melhor enxergar o real”.

Penso, então, que os professores que lêem têm muito mais a contar, a dizer. Nessa direção, Lajolo (2000, p. 108) aponta que:

A discussão sobre leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons lei-

tores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê.

O texto literário, seja ele o poema ou a narrativa, não tem uma finalidade préestabelecida. Sua função ou finalidade – se é que é necessário lhe atribuir alguma – é atribuída por aquele que lê. Podemos concordar ou discordar de um texto, propondo novas leituras, porém jamais julgar a leitura, ou a interpretação feita por aquele que lê. Acredito que aquele que lê tem condições de aprender com mais facilidade outras áreas do saber. Não só porque a literatura dialoga com outras áreas, mas também porque o leitor “aprende” a interpretar, ver além do texto, amplia a sua capacidade de compreensão e de reflexão sobre aquilo que lê, vê, escuta. Não por acaso existe um dito popular que ensina que “Quem não lê, mal fala, mal ouve e mal vê!”.

Por outro lado vivemos em um tempo de urgências. Parar para ler uma obra literária pode parecer “perda de tempo”. Esquecemos que podemos aprender história, geografia, matemática, física lendo um livro. Aprendemos a arte de viver, de conviver, de conhecer. Através da leitura podemos nos surpreender, nos emocionar, nos divertir. Podemos imaginar, transformar, “passar” o tempo. Ler nos possibilita outras vivências. As ideias contidas em um texto literário nunca são prontas, acabadas. É permitido que o leitor dialogue, reflita, compare, duvide. Diferentemente do texto informativo, no texto literário o leitor é quem atribui significados ao texto.

O texto literário transita pelo universo intimista das pessoas: seus anseios, desejos, (in)certezas. Ele é capaz de aguçar a curiosidade, inquietar, perturbar, criar esperanças, despertar a sensibilidade, a inteligência. Assim sendo, como não pensar a possibilidade de que um texto literário pode ser portador de ingredientes importantes para a formação da pessoa? E como provoquei no início deste texto, se já sabemos que o professor é uma pessoa, então, sua formação pode ser, em muito, ampliada através da literatura.

Além de comunicar, o texto literário também provoca, aguça os processos criativos, expressando visões de mundo e valores. O professor tem um papel muito importante para o desenvolvimento desse processo de leitura. Para Larrosa (2003, p. 9) o “eu” que realmente importa “é aquele que existe sempre mais além daquele que se toma habitualmente pelo próprio eu: não está para ser descoberto, mas para ser inventado; não está pra ser realizado, mas para ser conquistado; não está para ser explorado, mas para ser criado”.

É neste sentido que a leitura, e mais especificamente, a leitura da obra literária, possivelmente poderá contribuir para a formação do professor como um ser complexo. Pensamos, geralmente, que conhecer é descobrir, mas há um equívoco, pois conhecer é criar. Muitos pais e até mesmo os profissionais da educação, como os professores, costumam dizer que ler não é estudar. Se pensarmos, para além do texto, ler é estudar sim!

Assim tomada, a literatura pode se constituir em uma possibilidade de estabelecimento de interlocuções educativas, pois como chama a atenção Silva (2002, p. 36), é importante “*não acreditar que o trabalho de leitura na escola é tarefa única e exclusiva do professor de língua portuguesa*”.

Nessa perspectiva, a leitura deixa aflorar sentimentos como medo, raiva, prazer, alegria, nostalgia, empatia. De outra forma, mas dando um sentido mais simbólico e lúdico para o ato de ler, Larrosa (2003, p. 27) diz que “O essencial não é ter um método para ler bem, mas saber ler, isso é: saber rir, saber dançar e jogar, saber interiorizar-se jovialmente por territórios inexplorados, saber produzir sentidos novos e múltiplos. A leitura, assim, proporciona prazer e sabedoria”. Para Lajolo (2000, p. 7), “ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive”. Sobre esta estreita vinculação entre leitor/texto/mundo é importante o que nos ensina Kramer (2001, p. 150) ao afirmar que:

O pretexto da leitura querida, escolhida, procurada, conquistada é o da liberdade; o subtexto da leitura-obrigação é a obediência. Entre uma e outra, múltiplas formas de ação e criação de leitura. Superando dialeticamente uma e outra, é preciso garantir condições de produção de leitura.

“O aluno não lê!”, costumamos dizer, alarmados, enquanto professores(as). Mas e o professor? Ele é um leitor? Ele realmente lê todos os livros que ele próprio indica, em suas aulas, para leitura? E quando o professor lê, o que ele lê? E por que razões decide ler? Quem o influencia nestas escolhas? É importante que atentemos para algumas dessas perguntas, pois, talvez, assim pudéssemos entender, por exemplo, porque ainda é comum no Brasil aquilo que Kramer (2001) critica ao dizer que os professores continuam usando os textos literários para “ensinar” as diferentes disciplinas e/ou “facilitarem” o aprendizado dos conteúdos programáticos. Parafraseando o pedagogo Jorge Larrosa (2003), quero dizer que muito provavelmente nós, mulheres e homens, não possamos ser outra coisa senão um jeito muito particular de contarmos e recontarmos aquilo que pensamos que somos. Pois, para contarmos o que somos, talvez não tenhamos melhor maneira de fazê-lo senão revisitando nossa biblioteca na busca das melhores palavras para dizer de nós.

A literatura como um entre-lugar da formação docente

O título *Quem ama literatura não estuda literatura*, do livro do professor Joel Rufino dos Santos, é síntese que o mesmo faz de seus vários anos de estudo, ensino e pesquisa na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O professor Joel é, também, autor de mais de 50 livros nos quais fica muito explícita sua preocupação com a necessidade de incentivar-se o gosto pela leitura entre os(as) educandos(as) nos mais diferentes níveis do processo educativo escolar.

Valdo Barcelos

Nesse livro, que reúne alguns textos inéditos seus e que foram debatidos em suas aulas, o professor Joel faz uma declaração que pode nos deixar atônitos de tão simples e, ao mesmo tempo, pertinente – para não dizer verdadeira. Ele afirma que não devíamos nos surpreender com o fato dos estudantes, em especial nos cursos universitários, terem um grau tão baixo de familiaridade com a leitura e com a escrita. Para ele, de causar estranheza seria se ocorresse o contrário: que os(as) educandos(as) chegassem à universidade com grande apetite para a leitura e para a escrita. Para esse autor, esses universitários são, ao fim e ao cabo, uma pequena, mas importante amostragem do que é a nossa sociedade. Por que então, nosso espanto, nossa reclamação?

Ao invés de ficarmos reclamando dessa pouca leitura e deste medo de escrever, o que deveríamos, segundo ele, em nossas universidades, era começar, urgentemente, a fazer algo para diminuir essa pouca familiaridade com as letras. O professor Joel arremata com a seguinte sentença: “Se os alunos das letras (por exemplo) ‘lêem mal’, a tarefa do professor-intelectual é mostrar-lhes a possibilidade de ‘ler bem’”. Talvez seja importante, ao oferecer livros aos nossos educandos(as), buscar encantá-los. Talvez, mais que encantá-los, como sugere Rufino dos Santos (2008), há que buscar seduzi-los – *seducere*, desviar do caminho. E para que aconteça esse encantamento, este desvio do caminho da linearidade e da objetividade produzida pela forma mecânica da leitura disciplinar, de que nos fala Kramer, é preciso realmente gostar de ler, saber ler, ter paixão. Aventurar-se. Enfim, como na sedução, aceitar desviar-se dos caminhos traçados pelas normas e regras. Normas e regras que, na educação escolar, são muito bem estabelecidas pelos currículos, estatutos, planos de estudos.

Se não incorporarmos esses ingredientes da sedução, da aventura, do desejo, em nossas práticas cotidianas docentes, não convenceremos nem a nós mesmos, muito menos o outro. Algo na perspectiva defendida por Freire (2003) ao falar da necessidade da *corporeificação das palavras* pelo exemplo. Sem dúvida que isso exige a disposição do educador em correr riscos. A escritora Clarice Lispector, ao que se sabe pela sua biografia, sempre foi uma grande e compulsiva leitora. É deste hábito que, segundo ela, veio sua capacidade para escrever. E escrever de uma forma muito particular: escrever para dizer de si, de sua vida, de suas alegrias e tristezas.

Ao refletirmos sobre a contribuição da literatura para a formação docente estamos buscando um pouco desta trama entre aquilo que lemos e aquilo que fazemos; aquilo que lemos e o que escrevemos – quando escrevemos – ; do que interpretamos em nossas leituras e como isso interfere no que decidimos fazer, ser, enfim, manter daquilo que até então temos mantido no *fluir de nosso viver*. Acreditamos que essa relação de trama encontra na literatura um privilegiado *entre-lugar* para prosperar. Às vezes é preciso muita reflexão, ou até mesmo uma vida inteira para percebermos que algumas coisas que fazemos, o

fazemos porque algo nos impulsiona, nos desafia, e como narra Lispector (1980, p. 14),

Não tem pessoas que cosem para fora? Eu coso para dentro. Já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas. Escrevo sobretudo porque a vida é mortal mesmo antes de uma pessoa realmente morrer. Escrevo porque o que eu faria dessa onda de amor que às vezes existe em mim? O que mais poderia fazer, se não escrevesse? Às vezes escrevo como quem dá de comer a mim e aos outros. Ao escrever eu me dou as mais inesperadas surpresas. É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente eu antes não sabia que sabia.

A relação vida/morte é uma presença marcante nos escritos de Clarice Lispector. A vida como uma sucessão de pequenas e cotidianas mortes. Como escreve Barcelos (2009), morremos milhares de vezes durante a vida. Todas essas mortes, nada mais são que uma preparação para a grande morte: a morte final. O grande mistério é que nunca sabemos qual destas mortes é a morte final ou, afinal, a grande morte.

É sabido, ainda hoje, que a pesquisa social, assim como a leitura e a escrita, não são atividades neutras. A visão positivista das ciências sociais, que no século passado adotou o modelo das ciências naturais, foi aos poucos sendo abandonada, dando lugar à visão de que não há neutralidade no pesquisar. Nem poderia ser diferente, pois pesquisar é também viver. Então como ser neutro em nosso viver? Como muito bem escreve Clarice Lispector, fazemos o que fazemos por motivos que até podemos desconhecer conscientemente, porém, eles existem e são parte de nosso ser. Podemos não os encontrar, catalogar, identificar, localizar em algum lugar específico, contudo, se eles existem... não poderiam fazer – esses motivos ocultos – parte desse *lugar-nenhum* ou desse *entre-lugar* onde realidade e ficção se fundem, se misturam? Ou como sugere o escritor moçambicano Mia Couto, ao dizer que a viagem que fazemos ao ler um livro nos leva a percorrer distâncias e a atravessar as nossas fronteiras interiores. Porém, esta viagem por territórios simbólicos, que nos proporciona a leitura, acontece, verdadeiramente, quando acordamos e nos percebemos fora de nosso próprio corpo. Algo como se estivéssemos mudando de morada sem, contudo, sair do lugar em que sempre estivemos ou moramos.

Defendo nesse texto que essa trama que se cria entorno de leitor/texto/escritor/sociedade é um *entre-lugar* de formação docente. Um *entre-lugar*, talvez, por muitos(as) ainda por ser visitado. Para o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz, para quem os livros são como cidades feitas de letras, e assim como mudam as cidades a cada visita, mudam também os livros a cada leitura. Parafraçando o poeta, podemos dizer que, mesmo que os textos lidos sejam

Valdo Barcelos

os mesmos, mudam as leituras que deles fizemos, pois os textos podem ser os mesmos, porém cada leitura é sempre única. A razão é simples: somos seres em permanente transformação, ou como ensinava o mestre da educação brasileira, Paulo Freire, somos seres inacabados e, portanto, aquele homem ou mulher que reflete, que pensa sobre que o escuta, sobre o que lê, sobre o que fala, enfim, que reflete e busca compreender o mundo em que vive é, também, capaz de formular hipóteses sobre os desafios oriundos da realidade em que vive e, assim, propor soluções para eles.

Referências

ARROYO, M. **Imagens quebradas**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARCELOS, V. **Texto literário e ecologia**: a contribuição das idéias de Octávio Paz às questões ecológicas contemporâneas. Tese de doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

BARCELOS, V.; HOFF, M. **Gangorra mágica**: a imaginação é a prova real da criatividade. Porto Alegre: AGE, 2009.

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980.

_____. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **A aula**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado Aberto, 2002.

BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BORGES, J.L. **Nueva Refutación del tiempo**. Obras completas. v.II, Barcelona, EMECÉ, 1989.

CALVINO, I. **Assunto encerrado**: discursos sobre literatura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COUTO, M. **O outro pé da sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FLEURI, R. M. **Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis: NUP-UFSC, 1998.

_____. Intercultura e Educação. **Revista Brasileira de Educação-ANPEd**, Editores Associados, Campinas, n. 23, 2003.

FREIRE, P. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. 16. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

- _____. **A importância do ato de ler**. 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- KRAMER, S. **Alfabetização**: leitura e escrita. São Paulo: Ática, 2001.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LARROSA, J. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- _____. **Nietzsche & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- MATURANA, H.; REZEPEKA, N. S. **Formação humana e capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- MORIN, E. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- RUFINO DOS SANTOS, J. **Quem ama literatura não estuda literatura**. Ensaios indisciplinados. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- SILVA, M. **Repensando a leitura na escola**: um outro mosaico. 3. ed. Niterói: EdUFF, 2002.
- TOURAINÉ, A. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- VAZ, T. P. **PAULO LEMINKI - O bandido que sabia latim – Biografia**. São Paulo: Record, 2001.
- ZIBERMAN, R.; SILVA, E. T. da. **Literatura e pedagogia**: ponto & contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

Notas

¹A expressão *saber* é aqui tomada no sentido dado a ela por Paulo Sarmiento Guerra para quem saber é o meu próprio repertório de conhecimentos – os livros que li, os quadros que vi, as músicas que ouvi, as conversas de que participei, etc. É um repertório pessoal, intransferível.

Correspondência

Valdo Barcelos – Rua Evaristo Tonin, n. 399, bairro Itararé – CEP 97045-180, Santa Maria (RS)
E-mail: vbarcelos@terra.com.br

Recebido em 22 de julho de 2009

Aprovado em 17 de setembro de 2009

